CINCCI
IV Colóquio Internacional
sobre o comércio e cidade: uma relação de origem
Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

A torre do relógio e a Wall Street brasileira: O caso do Mesbla e do Palácio do Comércio no Rio de Janeiro

The watch tower and the brasilian wall street: Mesbla and Commerce Palace cases in Rio de Janeiro

TREVISAN, Francine; Arquiteta e Urbanista; mestranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP)
francinetrevisan@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem a intenção de apresentar a trajetória de dois patrimônios do Rio de Janeiro: o edifício Mesbla, na Rua do Passeio; e o Palácio do Comércio na Rua da Candelária. Mesmo inseridos em envoltórias diferentes, ambos foram projetados na década de 1930, para fins comerciais e pelo mesmo arquiteto: Henri Sajous, francês formado na *École de Beaux-Arts de Paris* e que produziu exemplares de qualidade no Brasil, dentro da arquitetura Art Déco. Através do conhecimento da trajetória de cada edificação, pode-se perceber que ambas possuem uma intrínseca relação de origem com o espaço urbano, ao passo que suas formas arquitetônicas foram elaboradas para atuarem no tecido urbano como expressão da força da atividade comercial.

Palavras-chave: Edifício Mesbla. Palácio do Comércio. Patrimônio carioca.

Abstract

This paper intends to show the trajectory about two Rio de Janeiro heritages: the Mesbla building, at Passeio Street; and the Commerce Palace at Candelária Street. Even located into different environments, both were planned in the 1930's, for commercials purposes and by the same architect: Henri Sajous, french graduated from the École de Beaux-Arts de Paris, and author of built quality exemplars at Brazil, within the Art Déco architecture. Through knowledge of the history about each building, can be perceived that both have originals relationships with the urban space, while its architectural forms were planning to act in the urban collective memory as an expression of the strength of commercial activity.

Keywords: *Mesbla Building. Commerce Palace. Carioca's Heritage.*

1. Introdução

Este artigo tem a intenção de apresentar a história de dois importantes edifícios inseridos no contexto urbano carioca – o prédio da Mesbla, com sua torre de cem metros de altura coroada por um relógio que domina a paisagem do Passeio Público; e o Palácio do Comércio, com suas proporções generosas na adensada região da Candelária[1]. Os dois estão inseridos em envoltórias distintas, e a análise não pretende apontar proximidades tipológicas. O foco visa relacionar as intenções do arquiteto Henri Sajous ao conceber estas peças relevantes para o espaço público, além de apresentar os desdobramentos posteriores que possibilitaram uma maior visibilidade do primeiro em relação ao segundo.[2]

Os estudos bibliográficos dentro do campo das arquiteturas modernizadas do começo do século XX configura uma lacuna a ser preenchida no Brasil; muitos personagens relevantes ainda são ilustres desconhecidos. Não existe a finalidade de demorar-se na vasta biografia do arquiteto, porém é necessária uma breve apresentação de sua trajetória a seguir.

1.1 Aporte Biográfico

Henri Paul Pierre Sajous (1897-1975) nasceu em Bordeaux e na adolescência se interessou pelos ofícios artísticos, visto que cursou estatuária e desenho de ornamentos em uma escola local. Após servir como soldado na Primeira Guerra Mundial foi admitido na *École des Beaux Arts de Paris*, para onde se mudou a fim de completar os estudos naquela que foi a instituição artística mais prestigiosa de seu tempo. Durante sua permanência na capital da França, trabalhou com arquitetos importantes, como o professor Gaston Redon, e Charles Nicod - ganhador do *Grand Prix de Rome* - a quem se associou em 1929. O início de sua carreira como profissional ocorreu na França, onde projetou algumas igrejas, residências e foi o arquiteto responsável pelo projeto das Thermas de Cambo-Les-Bains, na região dos Pirineus Atlânticos.[3]

Sua mudança para o Brasil foi impulsionada por um brasileiro, Francisco de Souza Costa, que foi proprietário da Villa Arnaga, uma vasta residência na região de Cambo-Les-Bains (a casa havia pertencido a Edmond Rostand, autor de *Cyrano de Bergerac*). Este senhor também era o presidente da Companhia de Águas de São Lourenço, e convidou Sajous para realizar o projeto do Parque das Águas em Minas Gerais. Aceitando o convite, o arquiteto imigrou para o Brasil em 1930, e o que de início era uma viagem temporária acabou se tornando uma permanência de trinta anos, onde desenvolveu uma carreira coesa e com volume de produção respeitável, com obras em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, dentro de uma postura formal Art Déco classicizante.[4]

Assim que chegaram, Henri Sajous e sua esposa fixaram residência na cidade do Rio de Janeiro – à época a capital do Brasil, contando com infra-estrutura adequada para abrigar suas atividades. O arquiteto abriu um escritório juntamente com seu sócio – o engenheiro compatriota Auguste Rendu - e viajava a São Lourenço a fim de fiscalizar as obras. Sua primeira grande encomenda veio de uma

corporação também francesa – a *Etablissements Mestre & Blatgé* – que o contratou para construir a sua primeira sede própria no país.

Figura 1: Henri Sajous e a maquete do Edifício Mesbla em torno de 1933.

Fonte: CLAUSE <http://sajous-henri.com>

1. A "torre do relógio" no edifício Mesbla

A primeira filial da empresa no Brasil foi aberta na Rua da Assembléia em 1912, e tinha como foco principal a venda de peças e acessórios para automóveis que começavam a circular no Rio de Janeiro[5]. Os negócios cresceram, e após poucos anos a loja foi transferida para uma união de casarões ecléticos na Rua do Passeio, passando também a vender carros, máquinas e ferramentas em geral. A loja funcionou neste local até que, após uma reforma em 1932, um grande incêndio destruiu o conjunto. As mercadorias foram distribuídas provisoriamente para as redondezas, e existem relatos de que alguns vendedores trabalharam até mesmo na rua.

O diretor da empresa no Brasil, Sr. Luiz La Saigne, decidiu encomendar um projeto a fim de ocupar o terreno incendiado, porém desta vez estava determinado a implantar toda a infraestrutura adequada para representar a marca que desde 1924 já havia se tornado uma empresa de capital aberto e independente da sua filial francesa. Algumas bibliografias sugerem que apenas em 1939 a autônoma brasileira passou a se chamar Mesbla, porém o gradil em ferro forjado na entrada do edifício projetado por Sajous, que parece ser original, já possui a inscrição com este nome desde 1936.[6]

Para esta empreitada grandiosa, La Saigne contratou um compatriota, o recém-chegado Henri Sajous que possuía um escritório na Rua do Ouvidor. É certo que Sajous também realizou uma reforma na moradia de La Saigne – uma ampla casa do século XIX localizada em Santa Tereza, porém não existem evidências precisas que permitam comprovar se a encomenda do grande edifício foi realizada antes ou depois da reforma da casa, já que as fotografias existentes não possuem datas ou outros registros. A escolha de um arquiteto francês para o projeto não parece ter sido coincidência, mas sim um fato que demonstra a ligação entre as teias de poder vigentes, onde os imigrantes de mesma nacionalidade procuravam se integrar, num ato de confiança e protecionismo.

O terreno disponível para o projeto era aquele antes ocupado pelos casarões que ironicamente viraram pó na quarta-feira de cinzas de 1933. Mesmo não sobrando quase nada, ainda havia a ótima localização, já que a gleba possuía uma testada de quase trinta metros defronte ao Passeio Público - o primeiro jardim paisagístico de uso democrático do país, inaugurado em 1783 sob as diretrizes de Mestre Valentim da Fonseca e Silva[7]. Este lote aprazível, além de estar ligado a este local de recreação popular, também é muito próximo da Marina da Glória e da Cinelândia, que no contexto dos anos 1930 vinha se desenvolvendo como próspera região comercial através da implantação de cinemas, comércios e cafés, que agitavam as indas e vindas da sociedade que se reunia em torno do Teatro Municipal e das outras instalações públicas ali existentes.

A encomenda feita ao arquiteto possuía um programa de necessidades considerável à época, pois deveria contemplar a loja no andar térreo e no mezanino, além de acomodar 60 apartamentos para locação, todos com uma grande sacada que convidasse a apreciar a deslumbrante vista da Baía de Guanabara. A cereja do bolo, provavelmente sugerida pelo arquiteto foi a elaboração de uma torre em alvenaria com cem metros de altura (quase o dobro do corpo edificado), encimada por um relógio mecânico que tinha a clara intenção de destacar-se na paisagem. Algumas bibliografias indicam que o prédio foi inaugurado em 1934, o que parece ser pouco provável considerando apenas 18 meses para sua finalização. Em julho de 1936, foi publicada uma imagem do edifício em construção na Revista Arquitetura e Urbanismo, dentro do anúncio publicitário da construtora Christiani & Nielsen. Já em novembro do mesmo ano, aparece uma imagem do edifício finalizado, no anúncio da mesma empresa, além de estar em outra imagem ao lado do cine Metro também recém-finalizado. Estes documentos levam a supor que o prédio foi inaugurado em 1935, configurando um prazo mais razoável para sua elaboração.

Desde o momento em que foi concebido, o edifício Mesbla parece ter adquirido um status de “edifício acontecimento”, conforme o termo de Gerard Monnier: uma obra que extrapola seus fins ordinários e se torna peça relevante para além do contexto arquitetônico e urbanístico, incorporando significados diversos à memória coletiva[8]. Diversos anúncios publicitários foram encontrados em revistas da década de 1930, onde as fotos da edificação ou da sua maquete figuram como símbolo de inovação em anúncios de revestimentos, louças cerâmicas, trituradores de lixo e outros. Além do aspecto simbólico, a torre também portava conteúdo informativo, através do seu relógio de nove metros e meio de diâmetro, que informava a hora correta, somando-se à pioneira utilização de um sistema meteorológico sinalizado.

A “torre da Mesbla” virou um ponto de referência para todos os cidadãos cariocas, que através do gigante relógio acertavam os ponteiros, marcavam encontros e poderiam programar-se quanto à previsão do tempo. Não se tratava portanto, de uma torre comum:

> Um fato curioso ocorrido em novembro de 1939, foi a inauguração, pelo Serviço de Meteorologia, de um posto para colocação de sinais sobre a previsão do tempo, no mastro da torre do edifício Mesbla(...) Os sinais eram trocados a cada 12 horas (2 horas e 14 horas) e indicavam o seguinte: bandeira branca – tempo bom; bandeira azul e branca – tempo instável (com ou sem chuva); bandeira azul – tempo ameaçador; flâmula preta por cima ou por baixo de cada um dos modelos acima, indicava a temperatura em ascensão ou declínio respectivamente. Havia também a bandeira branca com o centro vermelho e branco, ou o centro preto, para indicação de forte ascensão ou forte declínio da temperatura. (OLIVEIRA, 2009, p.55)

A empresa distribuía aos seus clientes um calendário em formato de cartão, e no verso estavam estampados os códigos meteorológicos, mostrando o significado das várias bandeirinhas hasteadas e suas cores. No período da noite, havia ainda um sistema luminoso, onde a luz branca indicava tempo bom, a vermelha tempo instável e a cor azul previa um clima ameaçador.

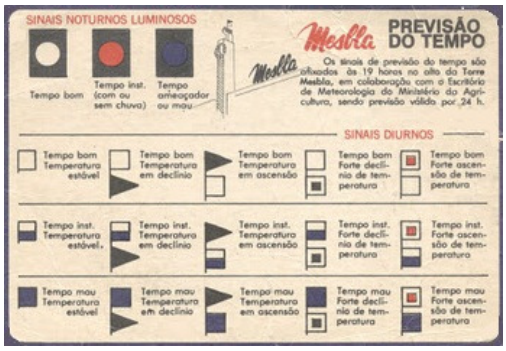

Figura 2: O cartão distribuído pela Mesbla aos clientes, com o significado das bandeirinhas.
Fonte: acervo da autora

Além de contribuir com a cidade como marco informativo, a torre foi uma ótima estratégia de marketing. Sua estrutura estabeleceu uma referência arquitetônica em meio à exuberante paisagem carioca, famosa pelas suas belezas naturais. Tornou-se o símbolo máximo da empresa, figurando nas imagens dos anúncios e calendários, ou até mesmo nas premiações oferecidas aos funcionários. Ultrapassou a sua função informativa de tal maneira, que até na Ilha de Paquetá - onde funcionava um clube para os empregados - foi construído um farol em forma de torre-miniatura[9], remetendo ao símbolo da instituição. As décadas seguintes à construção do prédio foram prósperas, rendendo investimentos nos setores de vestuário e utilidades. A necessidade de mais espaço foi solucionada mediante a ocupação gradual dos apartamentos de aluguel, que eram transformados em depósitos e escritórios depois da retirada dos inquilinos. Em 1956, nem mesmo toda a edificação supria a demanda por espaço, e uma ampliação tornou-se necessária.

O arquiteto Arnaldo Gladosch realizou o projeto e foi o responsável pela implantação dos acréscimos.[10]

Observando a estrutura contemporânea, pode-se observar que Gladosch manteve uma postura cuidadosa ao projetar a ampliação. No térreo, onde a loja possui seus acessos à calçada, o arquiteto manteve a mesma modulação e os mesmos materiais já consagrados por Sajous: as portas de enrolar, o acabamento em granito envolvendo as pilastras, e os panos de vidro cobertos com as impressionantes serralherias em formato de corda. Nos andares superiores, criou uma modulação própria, através de grandes esquadrias, porém utilizou um tijolo cozido de cor tabaco para revestir as alvenarias, tanto no acréscimo lateral quanto no novo andar que abrigava um restaurante. Desta maneira, é muito fácil perceber qual é a sua arquitetura e qual era a construção de Henri Sajous, ambas em posicionadas sem agressão ou transposição.

Em 1980, a Mesbla ocupava o primeiro lugar entre as *Maiores e Melhores*, da revista Exame, e detinha a liderança do comércio varejista não-alimentar do país, com 33 lojas em funcionamento (QUINTELLA,1995,p.2). Após a morte de seu diretor Henrique de Botton (genro do Sr. La Saigne), as reformulações não se mostraram eficientes, a concorrência se acirrava com hipermercados estrangeiros e a empresa foi registrando prejuízos até pedir a concordata em 1997.

O prédio do relógio foi esvaziado e entregue como garantia à financeira BCN, atual Bradesco, que passou a ser proprietário. O local fichou fechado por aproximadamente 5 anos, aguardando os impasses entre proprietário e governo, sendo inclusive saqueado, o que levou à colocação de tapumes em seu exterior. O edifício possuía intrínseca relação com seu contexto urbano, que também apresentou reflexos desta degradação[11].

Figura 3: O edifício Mesbla em 2012.
Fonte: acervo da autora.

As relações entre comércio e cidade se mostram tão íntimas, que foi através de uma ação governamental que o bem arquitetônico pode ser utilizado novamente, de maneira plena. Em 2002, foi iniciada a obra para sustentar um gigantesco estacionamento subterrâneo, contemplando 3.500 vagas, bem embaixo do passeio público[12]. Foi a mola propulsora para que o local voltasse a ser valorizado - as Lojas Americanas se estabeleceram no espaço comercial térreo, e uma empresa de telemarketing ocupou todos os outros andares. As modificações realizadas no interior da composição são de ordem muito duvidosa[13], os chamados "retrofits", porém o aspecto externo, aquele que já conquistou seu espaço no imaginário do povo carioca, parece estar bem conservado aos moldes do que exige a prefeitura do Rio de Janeiro, que tombou a fachada do prédio.

2. A "Wall Street Carioca"

A primeira sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro funcionou entre 1820 e 1821 na Praça do Comércio, no edifício projetado por Grandjean de Montigny e que atualmente é chamado de Casa França-Brasil. A entidade teve vários endereços desde a sua fundação, sempre na região central da cidade, se estabelecendo nas Ruas Primeiro de Março e da Alfândega, respectivamente. A fim de construir uma adequada sede própria, em um terreno de meia quadra entre a Rua da Candelária, a Rua Buenos Aires e a Rua da Alfândega, a associação promoveu um concurso de arquitetura em 1937, cujo vencedor foi Henri Sajous:[14]

> Em 1937, Sajous recebeu uma encomenda que surpreendeu o meio da arquitetura carioca. Apesar de ser o único estrangeiro entre os concorrentes – Lucio Costa, Archimedes Memória, Ângelo Bruhns e Rafael Galvão – coube a ele projetar o Palácio do Comércio e ser responsável pela sua construção. (ROITER, 2011, p. 94).

A pesquisa de mestrado em desenvolvimento permite afirmar que Sajous não foi o único estrangeiro entre os concorrentes[15] conforme aponta ROITER, pois Francisque Couchet – arquiteto franco-suíço radicado no Brasil que também havia se formado na *École des Beaux-Arts de Paris* – apresentou seu projeto ao concurso, em associação com seu colega Archimedes Memória. Couchet havia rompido a sociedade com Memória desde 1929, o que sugere que ambos continuavam trabalhando através de cooperações esporádicas.[16]

A pedra fundamental do Palácio do Comércio foi lançada dia 09 de setembro de 1937, comemorando o 103º aniversário da entidade, e 3 anos depois a construtora Dourado S/A entregou a obra, com a inauguração em 23 de maio de 1940, ambas as datas prestigiadas pelo presidente Getúlio Vargas.

Ao visitar o local, o transeunte logo percebe que o imóvel é diferenciado em relação ao vizinhos, no que se refere à sua escala, conformação estilística e no emprego dos requintados materiais de construção. O térreo, com um hall de entrada ciclópico é ladeado por 2 galerias de pé-direito triplo nas esquinas, revestidas em granito e travertino. Acima da porta principal, um gradil em ferro forjado ininterrupto

ascende até o nono andar, formando o eixo da composição da fachada principal, ladeado pelas janelas copacabana das salas de aluguel. A difícil percepção do conjunto acontece, ainda que sua escala seja inadequada às dimensões dos logradouros circunvizinhos, o que dificulta a compreensão da massa arquitetural.

O que levou o arquiteto, a escolher esta composição? O estudo do conjunto da obra de Henri Sajous revelou que seus projetos eram realizados com um profundo respeito ao lote urbano, além de uma percepção do entorno – aspectos que muitas vezes valorizava e até incorporava nos seus projetos, como é o caso do Edifício Mesbla e suas generosas varandas para apreciar a Marina da Glória, ou a rotunda do Edifício Tabor Loreto que recebe a beleza da Praia do Flamengo. Poderia o arquiteto, formado pela *École des Beaux-Arts de Paris*, errar na escala do edifício, ao ponto de implantar no coroamento um baixo-revelo de Albert Freyhoffer com uma alegoria da deusa Arquitetura com a maquete do próprio prédio nas mãos, justamente neste local que o pedestre não visualiza?

A resposta à estes questionamentos veio com a pesquisa no acervo da família Sajous, onde estavam conservadas matérias jornalísticas revelando que a intenção empreendedora da Associação Comercial desejava mais do que edificar sua própria sede. Havia um plano para desapropriar alguns imóveis e criar um pólo de negócios na cidade, a fim de estabelecer uma grande praça ladeada por outros edifícios institucionais, em um empreendimento que o jornal chamou de "Wall Street Carioca".

A idéia era a de formar um novo centro comercial e bancário na região central em 1940, justamente no contexto da realização da Av. Presidente Vargas que seria iniciada brevemente. A Associação Comercial desejava demolir os imóveis existentes defronte à fachada principal do Palácio do Comercio, até chegar à av. Primeiro de Março, constituindo uma *ágora* representativa da atividade comercial da então capital da República. A respeito desta passagem, existe uma matéria no jornal Diário de Notícias, de 14 de junho de 1940:

> A referência que o Sr. Manoel Ferreira Guimarães fez, em seu discurso de inauguração do edifício da Associação Comercial, ao plano da prefeitura carioca, para remodelar a zona bancária da cidade, foi justa e oportuna. De fato, o Sr. Henrique Dodsworth já determinou a execução de tal melhoramento, que (....) é a chave do prolongamento da atual avenida do Mangue até o mar, na Rua Visconde de Itaboraí, como também é a chave da junção da Rua da Candelária com a Rua do Carmo. (jornal Diário de Notícias, 14 jun 1940, p. 7)

A intenção de realizar este empreendimento justifica as escolhas compositivas adotadas pelo arquiteto, que realizou uma obra de grandes proporções para ser apreciada à distância, aos moldes da perspectiva artística que realizou para ilustrar a viabilidade do projeto. Neste desenho, percebe-se a influência do arranjo *beaux-arts*, através do uso de da centralidade e simetria da composição. Aos olhos contemporâneos, é interessante perceber que o próprio arquiteto pagou pelos serviços de levantamento topográfico do local, a fim de impulsionar o empreendimento:

> O arquiteto francês Sajous (...) adiantou que não se pode compreender que o Rio de Janeiro, cidade de turismo e de tráfego cada vez maior, não possua uma artéria-escoadouro, como a dos Campos Elíseos em Paris. Opinou que a futura Praça do Comércio e a grande avenida transversal que se pretende construir como prolongamento da do Mangue, até o mar, são realmente dois empreendimentos de vulto de imediata necessidade para o desafogo e embelezamento da capital do país. (...) Por esforço próprio, já fez os necessários levantamentos topográficos e plantas do trecho a ser beneficiado. (jornal Diário de Notícias, 14 jun 1940, p. 7.)

A grandiosa obra viária que seria batizada de Presidente Vargas, foi realizada e hoje configura uma das mais importantes artérias de deslocamento na cidade, porém a praça do Comércio que visava criar um espaço emblemático não saiu do papel, mesmo mediante as propostas que iriam custear todo o processo sem necessidade investimento público. Não foram encontrados documentos que elucidassem satisfatoriamente as causas que levaram ao fracasso da proposta.

Desde a construção do edifício, seus usos não foram alterados e a sua vocação diversificada se mantem. O térreo, o subsolo e os últimos andares são utilizados pela Associação Comercial do Rio de Janeiro; os espaços comerciais nas galerias térreas são ocupados por bons restaurantes, as demais salas que preenchem as lajes entre o terceiro e o nono andar são unidades de aluguel, ocupadas por empresas autônomas. Em 2010 foi realizado um *retrofit* agressivo, que prejudicou as fachadas mediante a inserção de elementos em metal escuro com policarbonato azul nos andares mais altos.

Figura 1: A “Praça do Comércio” não viabilizada, vista a partir da Rua Primeiro de Março, com o Palácio do Comércio ao fundo, no eixo principal.
Fonte: Jornal “Diário de Notícias”, p. 7, 14 jun 1940.

Após conhecer a história do edifício e seus desdobramentos, é possível perceber que a relação do objeto com a rua se manteve desproporcional, já que a massa construída não foi concebida para contemplar apenas os limites do lote. A volumetria adotada, a entrada monumental e seus detalhes, e até os pontos de

aplicação dos ornamentos foram estruturados para atuar em uma urbanidade diferente, que não foi possível de realizar. Isto também prejudicou a vocação comercial do prédio, que ainda se mantêm, mas sem o destaque que gostaria de imprimir mediante a escolha dos seus acabamentos e distribuição das partes.

3. Conclusão

O presente trabalho procurou analisar dois projetos de um mesmo arquiteto, ainda desconhecido da bibliografia em geral, que foram gerados em um contexto temporal muito próximo (década de 1930) mas que adquiriram significados totalmente diferentes no espaço urbano. A história do primeiro mostra que sua torre foi incorporada e virou símbolo de um império, e no segundo a ausência de investimentos no entorno, foram determinantes para manter um edifício em relativo anonimato, mesmo que desde a sua concepção se verificasse a vontade de erigir um monumento.

Referências

CANEZ,Anna Paula Moura. **Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole – Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro**. Porto Alegre: Uniritter, 2008.

CLAUSE. Christine Sajous. **Sajous Architecte.** Disponível em <http://www.sajous-henri.com>, acesso em 17 jul 2012.

MIYOSHI, Alex. **O edifício do MASP como sujeito de estudo**. In Vitruvius, revista digital, disponível em <http://www.vitruvius.com.br/ revistas/read/arquitextos/07.084/245>, acesso em 13 ago 2012.

QUINTELLA, Marcos. **Mesbla S.A.: Relatório de análise econômico financeira.** São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1995. Disponível em <http://www.marcusquintella.com.br/anexos/arquivos/Caso_MESBLA.pdf?arq=Caso _MESBLA.pdf>, acesso em 02 ago 2012.

ROITER, Márcio. **Rio de Janeiro Art Déco**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.

Art Déco na América Latina. Centro de Arquitetura e Urbanismo – 1°. Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SMU, PUC RJ, 1997.

Centro Empresarial Botafogo,City Tower RJ e Passeio Público Edifício Mesbla: mais competitivos depois da modernização. **Revista Infra**. Edição digital, disponível em <http://www.revistainfra.com.br/textos.asp?codigo=8592>, acesso em 08 ago 2012.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais, disponível em <http://www.itaucultural.org.br>, acesso em 24 set 2012.

Jornal do Comércio, 07 dez 1935, p. 3.

Revista A Casa, set/out 1939, p.1.

Revista Arquitetura e Urbanismo, jul/ago 1936, prefácio.

Revista Arquitetura e Urbanismo, nov/dez 1936, p. 180.

Revista Arquitetura e Urbanismo, set/out 1938 p.256 a 259.

Revista Arquitetura e Urbanismo, mai/jun 1940 p. 144 a 154.

<http://www.passeiopublico.com/htm/construcao.asp>, acesso em 17 ago 2012.

< http://faroisbrasileiros.com.br/memorial/paqueta.htm> acesso em 12 set 2012.

[1] Este artigo apresenta informações existentes sobre o edifício Mesbla e o Palácio do Comércio que integram a dissertação de mestrado *Henri Sajous architecte: presença e atuação profissional no Brasil 1930-1959*, em desenvolvimento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, financiada através da CAPES/CNPQ, sob a orientação da Prof. Dr. Maria Lúcia Bressan Pinheiro.

[2] O edifício Mesbla e o Palácio do Comércio foram tombados pela Prefeitura do Rio de Janeiro através do decreto 18.837 de 03 de ago de 2000, no processo 12/004 117/94 com parecer unânime do Conselho Nacional de Proteção Cultural.

[3] O trabalho pioneiro de resgate da biografia de Sajous foi realizado pela sua sobrinha-neta, Marie Christine Sajous Clause, que realizou um site onde fornece as principais informações de sua pesquisa não-acadêmica, disponível em <http://www.sajous-henri.com>, acesso em 10 set 2012. Marie Chistine e seu irmão Philippe colaboraram muito para esta pesquisa, permitindo a análise do material que pertenceu ao arquiteto, e também com preciosas conversas e troca de informações.

[4] As informações disponibilizadas pela família se confirmaram mediante a existência de documentos - das pranchas de projeto do parque das águas, todas com a assinatura de Francisco de Souza Costa, e seu carimbo como presidente da "Empresa de Águas de São Lourenço", devidamente datadas (abril de 1931).

[5] Conforme verificado em QUINTELLA, 1995, p.1.

[6] Idem, porém o gradil do edifício é original e já possui a insígnia "Mesbla" acima da porta de entrada do acesso aos antigos apartamentos, hoje salas comerciais.

[7] SEGAWA, Hugo. Ao amor do público: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996. p. 81.

[8] Este trecho foi retirado de MIYOSHI, Alex. O edifício do MASP como sujeito de estudo. In Vitruvius, revista digital, disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/245>,

acesso em 13 ago 2012. Neste artigo, o autor comenta que esta definição de Monnier é reproduzida mais no "espírito" do que na "letra", pois resultaram da assistência a conferências proferidas no IFCH-Unicamp e na FAU-USP em agosto de 2005.

[9] Conforme informação do site "Faróis Brasileiros", disponível em
< http://faroisbrasileiros.com.br/memorial/paqueta.htm> acesso em 12 de setembro de 2012.

[10] CANEZ, Anna Paula Moura. Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole – Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Porto Alegre: Uniritter, 2008.

[11] Conforme dados da Empresa que realizou o "retrofit" no edifício, disponível no site da Revista Infra <http://www.revistainfra.com.br/textos.asp?codigo=8592>, acesso em 08 ago 2012.

[12] Idem.

[13] Conforme constatado em visita da autora no local em julho de 2012.

[14] Neste projeto, Lucio Costa ficou com o segundo lugar, posição que se inverteria alguns anos depois no concurso do Jockey Club Brasileiro, onde Costa foi o vencedor e o projeto Sajous foi o vice-campeão, de acordo com as informações contidas no acervo da família Sajous.

[15] Foi encontrada uma matéria noticiando a vitória de Henri Sajous, no Jornal do Comércio, 07 dez 1935, p. 3: "Restava á comissão escolher o mais satisfactório (projeto), o que foi feito com máximo de cuidado em 15 reuniões. Desse estudo resultou que, dentre dos projectos de Raphael Galvão, A. Memória e F. Cuchet, Sajous, Angelo Bhruns e Lucio Costa, o de autoria do architecto Sajous era o que maior vantagem offerecia".

[16] Francisque Cuchet foi sócio de Archimedes Memória de 1920 a 1929, com quem desenvolve o Palácio Tiradentes, o Palácio das Grandes Indústrias, o Jockey Club Brasileiro e a sede do Botafogo Futebol e Regatas. Mesmo com o fim da sociedade, o jornal de 1935 sugere que eles continuaram a se associar esporadicamente. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais, disponível em <http://www.itaucultural.org.br>, acesso em 24 set 2012.